

A fábrica¹

Mãe e filha

Bruno Sperani

Tradução: Aline Pereira de Barros²

O velho cortiço onde viviam as mulheres da família Terragni era daquelas construções destinadas a desaparecer no caso de uma já prevista reorganização das ruas e becos que se estendiam e se cruzavam desde a Ponte de Porta Vittoria até a velha igreja de San Pietro in Gessate. Localizava-se quase no meio da rua à qual a igreja dava nome. À primeira vista, não era feio, com sua fachada de três andares e seu portão quase imponente. Mas por dentro era uma bagunça. O pátio mais parecia um beco sinuoso que passava entre um grupo de casebres, mais altos aqui, bem baixos ali, com janelas e grades de vários tipos e tamanho.

Era só dar uma olhada para perceber que diversas construções estavam ali reunidas, como que grudadas ao corpo da edificação principal, situado na frente, muito mais recente, destinado a servir de emblema, mentiroso como tantos emblemas, para aquela estrutura putrefata.

Dez ou quinze anos antes, Piloni tinha recebido aquelas ruínas de um jovem *bon-vivant*, como pagamento de um crédito de agiotagem, incerto a respeito do negócio que fechava.

O empreiteiro estava, então, no início de sua carreira de trapaceiro, mas já era esperto como poucos. E, sendo assim, tinha restaurado mal-e-mal aqueles casebres e erguido o da frente em três andares, pensando nos ganhos abundantes que obteria quando a Prefeitura os expropriasse por razões de utilidade pública.

Desgraçadamente, as coisas foram se protelando e a rua permanecia em seu imutável mofo. Exceto pelo fato que, em 15 anos, Piloni tinha quintuplicado seu capital, alugando aqueles quatinhos às pessoas pobres, que moram mal e

¹ SPERANI, Bruno (Beatrice Speraz). *La fabbrica*, www.liberliber.it, p.11-17.

² Tradutora de italiano e revisora de português, formada em Letras/Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

pagam, guardadas as devidas proporções, muito mais caro que os ricos.

Tirando um taberneiro, um salsicheiro, um colchoeiro e mais alguns pequenos comerciantes, os inquilinos da casa eram quase todos operários; entre eles alguns pedreiros, sobretudo empregados do proprietário. Até o *porteiro* era um velho pedreiro que se tornou incapaz de trabalhar devido a uma queda. Piloni o protegia porque o pobre diabo, entorpecido pelas desgraças, era submisso até não poder mais, sempre com o rabo entre as pernas.

O quarto das Terragni pertencia à melhor parte da casa, a que tinha sido construída por Piloni; porém, dava para o pátio, tendo porta e janela voltadas para um longo corredor ao ar livre, no segundo andar. A luz que ali adentrava mal dava para iluminar a metade da peça, funda, estreita e bastante baixa.

Da penumbra do fundo emergia, com sua colcha branca, uma larga cama de nogueira, derradeiro sinal de uma abundância já distante. Virginia Terragni, mãe de Luisina, jazia enferma nessa cama.

Era uma noite de sábado; Luisina passava roupas perto da janela.

Uma longa mesa, coberta por um pedaço de tapete, sobre o qual a passadeira tinha estendido um lençol velho dobrado em quatro, ocupava quase todo o quarto, deixando somente um meio metro de espaço para a circulação.

A passadeira tinha pressa. A pilha de roupas engomadas ou simplesmente umedecidas que ocupava uma das pontas da mesa era ainda muito alta. Significava, com certeza, duas boas horas de trabalho.

— Estou com sede! — murmurou a enferma, virando-se na cama.

Luisina depositou o ferro sobre o carvão aceso do fogão e correu até a cama, para junto de sua mãe.

— Oh! A febre voltou!...

— Não!

— Como não? Você está fervendo! Meu Deus! Meu Deus! Fique quieta, por favor! Eu devia ter te dado quinino ao meio-dia. Me esqueci!...

Suspirou e desviou o olhar.

Não tinha se esquecido, não; tinha faltado dinheiro. E o farmacêutico, a quem devia algum, não lhe vendia mais nada fiado.

Virginia ergueu a cabeça ossuda, rosto destruído — talvez fora belíssimo um tempo atrás — e, agarrando com a mão trêmula o copo de limonada que a filha lhe oferecia, bebeu avidamente com a ânsia dolorosa dos febricitantes.

Luisina permaneceu alguns minutos junto ao leito, acarinhou a pobre doente como se fosse uma criança, beijou-a e então foi até o fogão, pegou o ferro quente, limpou-o com cuidado e voltou ao trabalho.

Passava bem, com muita atenção, muito mais do que na verdade mereciam as camisas e outros trapos remendados de sua clientela. Certo, não poderia se gabar de ter uma clientela rica e elegante; absolutamente, não. Mas não era sua culpa: era o que a casa oferecia.

Talvez com o tempo melhorasse. Por ora devia se contentar, até porque aquela não era sua verdadeira profissão. Antigamente, trabalhava como modista, mas várias razões a fizeram abandonar a loja onde trabalhava, principalmente a doença da mãe, que não podia ser deixada sozinha.

Tal conjuntura a fez começar a trabalhar em casa; esperava ganhar mais. Muito cedo, porém, deu-se conta que se não desse crédito perdia os clientes e, dando crédito, com frequência perdia dinheiro.

Pensou em um outro trabalho. Sabia se virar passando roupa: resolveu tentar, mantendo os preços baixos. Os dois trabalhos juntos acabaram por render ganhos de oito, dez, até doze liras por semana. Muitos a invejavam. Para ela, contudo, com a mãe de cama, as doze liras eram pouco e as dívidas aumentavam mês a mês. E se o proprietário da casa a colocasse na rua, sabe Deus o que seria dela!

Como era azarada...

Inclinava a cabeça sobre o vapor quente que exalava da roupa, vencida pelo desânimo, e repetia mentalmente:

— Azarada e burra!...

Seus lábios ostentavam um sorriso desdenhoso de compaixão com aquela estúpida, que era ela. Enquanto isso, suas mãos hábeis e ágeis não paravam um segundo, e o ferro corria sobre o tecido alvo das camisas engomadas, sobre os colarinhos e sobre os punhos do filho do salsicheiro, um pedaço de gente que trazia sempre uma flor na lapela e era seu melhor cliente. Problemas à vista caso não o contentasse! Ele começava a berrar como um bezerro desmamado e tocava as camisas limpas no cesto da roupa suja; então, a sua mãe, uma avara de marca maior, era capaz de querer que ela lavasse e passasse de novos as peças sem receber nada por isso. No fundo, esse tipo de rigor lhe foi muito útil, pois a fez aprender a profissão em pouquíssimo tempo. Outro que a deixava louca era um tal de Nanetti, viúvo com dois filhos; pobre diarista da Prefeitura, condenado a se sustentar com três liras por dia, sem ter nem menos a compensação de usar o uniforme azul, como os operários.

As camisas do pobre diabo eram uma tristeza, cheias de remendos, os quais ele não queria que ficassem à mostra... Remendos feitos por ele mesmo, à noite, depois do expediente!...

De qualquer forma, aquelas eram as roupas que exigiam mais atenção depois das camisas do filho do salsicheiro de flor na lapela, e a passadeira as colocava para terminar de secar perto da lareira para que a goma ficasse mais firme.

Agora, passava rapidamente uma peça depois da outra. A pilha diminuía. A cada interrupção do trabalho, se apoiava um momento na cama, olhava a sua doentinha e lhe enxugava o suor, pois fazia um calor do cão naquele quartinho desprovido de correntes de ar... Depois, voltava ao trabalho para terminar logo, mas mais ainda para esconder da mãe a crescente inquietude que a estava dominando.

Era um grande sofrimento pra ela, com sua personalidade aberta e expansiva, este ter que guardar tudo para si, não tendo uma viva alma com quem desabafar!...

A “pobrezinha da igreja” não tinha ainda trazido a resposta de Zibardi; era para aquela noite de sábado. Mas ela não esperava nada de bom.

Enquanto isso, tinha recorrido à Congregação de caridade para obter um auxílio. Mas um auxílio suficiente para fazer aquilo que sonhava, ela não tinha esperança de obter. Assim, se aquele cachorro não tivesse um pouco de compaixão, o menino estava perdido. Pobrezinho! Pobrezinho!

Grossas lágrimas sulcavam sua face, unindo-se ao suor. Sentia um cansaço mortal em todos os membros. Aquele trabalho tão pesado a estava matando; ela não estava habituada.

Quem sabe?! Talvez o ex-comerciante de vinhos estivesse vivendo um bom momento: a irmã Rosa dissera que estava bem disposto. E por que não estaria? Não era ele o pai, como ela era a mãe? Não se tratava da mesma carne?... Por que ela deveria sofrer tanto porque o menino estava padecendo, talvez morrendo... e ele nada? De que matéria era feito?

É, a irmã Rosa tinha que dizer a verdade: ele deveria estar bem disposto, até enternecido, se tivesse uma alma, se não fosse um monstro. Ele a ajudaria, com certeza.

Mas, ao mesmo tempo em que sua mente se fixava em tal esperança, uma outra inquietude sem nome, sem causa aparente, surgiu no recanto mais secreto de seu coração. Ela não entendia porque a esperança que deveria consolá-la não a aliviava de fato. Ou talvez compreendesse demais.

Aceitar dinheiro daquele homem... revê-lo, talvez... talvez ter que se submeter a ele... Sentiu um tremor que a fez sobressaltar.

Ah! Não! Por todos os santos... Melhor morrer... melhor...

Quase disse “melhor deixar a criança morrer”, mas se arrependeu logo... Por aquele pobre inocente deveria ceder... suportar tudo... Mas ela morreria. Oh! Como lhe era odioso aquele traidor! Como lhe era odioso! Parecia impossível para ela que o tivesse amado um dia... Porém... Talvez o odiasse tanto justamente porque o tinha amado. Talvez aquele ódio ainda fosse amor...

Balançou a cabeça com força.

Não, não. Tinha amado aquele homem ou, pelo menos, tinha acreditado que o amava porque ele tinha se mostrado bom, afetuoso, quando, na verdade, era um infame. Desde que o conhecera, o amor morreria. O sentimento que experimentava era cheio de tristeza. Se ele tivesse se arrependido... se tivesse se casado com ela...

Voltou a sacudir a cabeça, quase para mandar aquele pensamento pra bem longe.

Sentia ódio em seu sangue, e não podia compreender que tal ódio fosse a reação de um amor traído.

Após uma longa meditação, pensou ter acabado com todas as suas dúvidas com o seguinte argumento triunfal:

— Não, aquele ódio não era amor, não, pois aquele homem lhe dava nojo. Se tivessem se casado, se submeteria, sim, pelo pobre bebê, pela sua mãe doente, mas seria muito infeliz; morreria de desgosto.

Uma outra linha de pensamento apossou-se de seu espírito.

Que estúpida! Não tinha perigo de ele querer se casar com ela; nem tê-la de volta: ele tinha outros amores, outras ambições...

E ria da própria ingenuidade, caçoava de si mesma: no fundo, tranquilizada, aliviada de um peso insuportável.

Todos falavam dos amores do Senhor Zibardi, do belo vendedor de vinhos que enriqueceu, enriqueceu muito, pelo que diziam. E as antigas colegas de profissão, as jovens modistas que a olhavam de alto a baixo, a consideravam uma boboca porque não soubera agarrar uma fortuna daquelas, ou se aproveitar da maternidade... nada. Grande idiota, por Deus! Desde a infância sempre lhe disseram que era uma coração mole, a ponto de explodir em soluços ao menor sinal de censura da professora. Se não fosse assim — diziam as antigas colegas em momentos de maior efusão — teria se tornado rica de um jeito ou de outro, já que era linda e agradava aos homens mais que todas elas juntas; em vez disso, vivia afundada em miséria, e a honra, pelo sim e pelo não, tinha perdido também. Não se podia nem afirmar que tinha se guardado para o momento certo... Muito pelo contrário! Entregou-se como uma tola e como uma tola continuava a viver naquele pardieiro, junto com aquela gentinha, como unha e carne. De modo que era mal falada na vizinhança, entre os que sabiam do vendedor de vinhos e entre os que não sabiam.

Tinha ficado sabendo dessas coisas num domingo desses, ao encontrar por acaso Carlottina Fiorelli, uma ex-colega de trabalho, que trabalhava como cortesã e se vestia como uma princesa, esperando o príncipe encantado para dentro de poucos meses.

Era tudo verdade. E o que ela podia fazer? Ela era assim mesmo. Entregou-se àquele homem sem pensar em nada além do amor, deixando-se levar, arrastar, como um animal de olhos vendados rumo ao matadouro. Não podia fazer nada; nascera com um coração de manteiga e uma boa fé resistente como uma pedra. Foi necessária uma revoada de pica-paus para despedaçar a boa fé daquela bobalhona!

Ainda sentia o gosto amargo das recordações a respeito de sua boa fé. Após o parto, quando soube que Zibardi tinha levado o bebê para o orfanato, estando ela mais pra lá do que pra cá, não suspeitou de nada! Chorava, se desesperava porque lhe tinha tirado o pequeno, mas não lhe passou pela cabeça que aquilo fosse o princípio do fim, o sinal do abandono! Ele a acalmava com palavras doces, com promessas mais doces ainda; seria seu por toda a vida, ninguém

poderia separá-los, o bebê representava um vínculo sagrado, um vínculo indestrutível; não poderia deixá-la, nunca mais, nunca mais. Na identificação do menino tinha colocado, escrito de próprio punho: *Mario Terragni-Zibardi*. Assim que resolvesse algumas coisas, convencesse sua família e economizasse o bastante para sustentá-la com conforto — porque a sua esposa devia viver como uma rainha — ele se casaria com ela e o bebê viria para a casa como de direito... Não estava feliz?

Assim dizia, o hipócrita; e ela acreditava.

Essas lembranças a deixavam agitada, uma cólera cega tomava conta dela.

Cinco anos tinham se passado. Cinco anos! A pobre criança abandonada morria... Morria! Esse pensamento vencia até mesmo a cólera. O ódio emudecia.

Uma palavra! Uma esperança! Uma ajuda!... E teria esquecido, perdoado tudo!...

Esticou o pescoço para olhar o pátio. A irmã Rosa tinha ficado de aparecer antes do anoitecer.

Paciência!

Voltando a passar roupa, retornaram à mente da moça as palavras de Carlottina, principalmente aquelas que mais a tinham atingido, “que ela dava muita confiança para aquela gentilha e que os que sabiam de Zibardi diziam por aí que ele não fora o único...”

Quanta maldade!

Ninguém podia se vangloriar, ninguém.

Fora seduzida... no máximo poderiam dizer que se tinha deixado seduzir porque era uma tola; e sabiam que tinha o menino no orfanato, porque ela não escondia de ninguém, indo todos os meses, às vezes duas vezes ao mês, à parteira para obter notícias. Todos tinham pena dela, isso sim, pois sabiam que...

Mas de que gentilha falava Carlottina? Fazia sentido aquela palavra na boca da filha de um gari, na boca de uma mulher que se vestia de seda porque exercia a mais vil das profissões?

— É verdade, — dizia a si mesma a passadeira — me dou bem com todo mundo, e quando não estou nervosa, como nos últimos dias, até gosto de dar umas risadas... Sim, senhor! Ou devo definhar? Rir não faz mal a ninguém...

A imagem de Francesco Bitossi surgiu de repente diante dela no exato momento em que pescava uma das últimas camisas da pilha, dando-se conta de que era dele.

— Meu novo cliente! Pelo menos tem as roupas em bom estado! — exclamou, observando a camisa e as outras peças que o pedreiro tinha lhe entregue naquela manhã para que fossem passadas. Há poucos meses Bitossi alugara um quarto que estava vazio no mesmo corredor que o dela. Vendo-se todas as noites e com frequência pela manhã, quando ela se acordava cedo para trabalhar, tinham começado a se cumprimentar, depois a trocar umas palavrinhas. Um fluxo de

simpatia os aproximava; faltava-lhes sorte e sobrava-lhes afeto.

Veio à sua mente a ideia de que a cortesã quisesse se referir a ele com a palavra “gentilha”, porque os tinha visto juntos uma noite daquelas em frente à porta do salsicheiro. Esta insinuação lhe pareceu nojenta, e ela jurou não mais cumprimentar a antiga colega.

Escurecia. A enferma tinha se acalmado. Passando roupas sem parar, as costas curvadas, a cabeça dolorida pela exalação de carvão e dos vapores acres da roupa úmida, com aquele cansaço exasperante que destroça o corpo e deixa livre o pensamento, Luisina não podia fazer nada além de atormentar-se desenterrando o passado e observando com olhar amedrontado o ameaçador porvir. Assim, pouco a pouco, à medida que a noite se aproximava, sua inquietude adquiria uma intensidade febril. O olhar ardente desprendia-se a cada instante do trabalho, fixava o vazio, vasculhava aflito os outros corredores e buscava penetrar na sombra das escadas.

As vizinhas que iam e voltavam em frente a sua janela trocavam com ela algumas frases; os vizinhos que começavam a voltar pra casa a cumprimentavam, alguns com indiretas no olhar, outros com simples saudações, jogando-lhe na cara o hálito quente, impregnado de tabaco e álcool. Ela respondia a todos simpática, sem se abalar com nada, sabendo colocar os atrevidos em seu lugar com a indiferença segura de uma mulher que sabe impor respeito sem grandes dificuldades.

Bitossi também chegou, e a bela figura do jovem, de ombros largos, perfil inteligente, parou um instante em frente à passadeira.

— Trabalhando ainda?

— Estou quase terminando, já levo suas coisas...

— Como vai sua mãe?

— Ai, nem me fale... a febre voltou.

— Coitada! Precisa de alguma coisa?

— Obrigada, senhor Francesco, obrigada!... E o senhor? Tudo bem lá com o Piloni?

— É... posso dizer que sim... é melhor do que nada.

— Acredito. E terminam logo? Ouvi falar que seu chefe quer a obra terminada até a Páscoa.

— Isso seria o de menos. Começamos a trabalhar em março e, em um ano, se poderia terminar, com o ritmo de agora. Mas o problema é que em abril e maio caiu aquela água o tempo todo e, com todos os contratemplos, quase não trabalhamos; pode-se dizer que estamos trabalhando somente há três meses. E *ele*, na festa de San Michele, quer os telhados, as escadas e os apartamentos em ordem para que aqueles que procuram uma casa possam subir e ver. Ou talvez para acertar algum outro negócio; nunca se sabe o que aquele lá tem em mente!

— Mas como erguem rápido essas casas!

— A todo vapor!

— Outra noite mesmo Berini se queixava para o porteiro, lembrando de seu filho que ficou sob os escombros quando caiu a casa do Brandi.

— Pobre homem! Agora está revoltado com Piloni...

— Com certeza! Dizia que o canteiro de obras de Piloni terminará como o de Brandi.

— Tomara que não, mas, infelizmente, não é impossível.

— Ah, meu Deus! Não me assuste!

— Tomara que não, tomara que não...

— Tomara! Porém, o perigo existe. E tudo por causa da cobiça desses empreiteiros que querem enriquecer da noite para o dia, arriscando a vida de criaturas inocentes.

— E arriscam as deles também: amam o dinheiro acima de tudo. Piloni, principalmente, é muito corajoso. Semana passada caiu o forro em um canteiro de obras na Porta Genova e um rapaz foi esmagado. Foi por milagre que não aconteceu o mesmo com Piloni, que estava justamente dizendo que não existia perigo! É assim mesmo. Eles têm mais medo de gastar dinheiro que de morrer esmagados como ratos.

— Não me importaria se morressem todos. Mas tenho pena é dos pobres homens que trabalham pra eles, explorados e mal-pagos. E o senhor? Não tem medo?

— Eu? Imagine!... Eu não tenho medo. Além do mais não me importaria de morrer...

— Ai! Assim tão jovem?!...

— Estou sozinho no mundo, não tenho muito com que me alegrar. Mas isso não é nada. Trabalhos cansativos e arriscados existem muitos. Outro dia fui ao Gasômetro. Precisa ver que vida de burro de carga levam os coitados daqueles trabalhadores. Em poucos anos ficam como que queimados vivos! Ao mesmo tempo existe quem viva de renda, nas costas deles... Isso faz o sangue da gente ferver...

A passadeira o ouvia atentamente, fascinada por aquela voz vibrante, por aquele tom comovido: ergueu o olhar, fitando-o. Seus olhares se cruzaram e ambos experimentaram um tremor. Ela sentiu que aquele não era um operário como os outros, que não falava sem pensar, mas que devia ter refletido bastante a respeito do assunto sobre o qual discorria e sentiu um senso de respeito e de subordinação que lhe impediu de responder. Lembrando-se, porém, que o rapaz tinha lhe contado que fora preso devido a uma briga na qual tinha se metido por suas ideias socialistas, sua subordinação se transformou em uma intensa piedade e um vivo temor de que ele se prejudicasse de novo. Então, querendo mudar de assunto, lhe perguntou:

— É verdade que o senhor Piloni contratou você como supervisor?

— Sim... me pagando menos que aos outros, a quem já paga o mínimo possível.

— Por quê?

— Ora! Pela minha desgraça... todo mundo sabe. Sabendo que já tinha estado na prisão e tanto tempo desempregado, entendeu que eu deveria me adaptar a tudo...

— E o senhor? Não diz nada?

— Eu? Humpf! Não é por mim que me indigno... Quando chegar a hora de agir por todos juntos... quando chegar a hora da vingança e da redenção... daí, me verá, ouvirá...

Amedrontada pelo tom ameaçador com o qual o pedreiro tinha pronunciado estas palavras, além de temer por ele, Luisina interrompeu-o bruscamente, cochichando para que se calasse. Vinha vindo "Dona Amarela". Marianna Civardi, conhecida como "Dona Amarela" devido a uma roupa que usava no verão, andava, segundo diziam, de conchavos com a Polícia.

Ele se calou, surpreso, contemplando a passadeira, que tinha voltado ao trabalho.

— Obrigado! — disse quando Dona Civardi se distanciou, — obrigado! A senhora sente alguma amizade por mim. Obrigado! Não me sentirei mais tão sozinho.

E se foi, confuso por ter falado demais e com medo de demonstrar o turbilhão de emoções que o agitava.

Luisina sentiu-se grata a ele pela discrição, mais que pelas afetuosas palavras, as quais a fizeram ruborizar até a raiz dos cabelos.

— Luisina! — suspirou a mãe.

— Mamãe, estou aqui.

E acudiu a doente.

— Terminou?

— Sim.

— Com quem estava falando?

— Com um e outro...

— Não... você estava falando com aquele pedreiro... o tal de Bitossi... Não quero ver você falando com ele!

— Ai, mamãe! Eu nem *falo* com ele do jeito que a senhora está pensando...

— Não quero que fale com ele de jeito nenhum.

— Por quê?

— Porque vai te dar azar; porque é um desgraçado como você, e dois desgraçados juntos não dão certo...

— Começou! — exclamou a moça, contendo um suspiro. — Você não entende que eu não quero saber de ninguém?... Uma coisa é trocar meia dúzia de palavras com um vizinho, outra coisa é isso que a senhora está pensando... Vamos, vamos, não me sacrifique. Agora a febre baixou, a senhora suou... Já vou buscar seu quininó para esta noite, deixe-me só acabar esta meia dúzia de peças.

Voltou para perto da janela e colocou-se a passar apressadamente as últimas

roupas, à luz débil do crepúsculo.

Às suas costas o quarto era de um escuro pesado, somente interrompido aqui e ali pelos reflexos vindos do fogão, os quais refletiam fantasticamente alguns objetos de cobre pendurados em volta da lareira e os tecidos reluzentes das camisas que acabavam de secar ao calor do fogo. Essa moldura de sombra e a luz sutil que entrava pela janela ressaltavam a figura elegante, luminosa, e a grácil beleza da passadeira. Seus olhos cintilavam e a tez delicada do rosto, do colo e dos braços nus adquiria uma transparência perolada. Vista assim, a moça, à qual os maldosos atribuíam tantas escapadelas, portava toda a candura e a ingenuidade de uma virgem de Fra Angelico³.

3 N.de T.: Fra Angelico, pintor italiano do séc. XV, cuja obra se caracteriza por temas essencialmente religiosos.

Uma entre tantas¹

Emma

Tradução: Carina Arsego Roesler²

Os fatos que narro neste livro são verdadeiros. Aliás, quem os teria escrito se não fossem verdadeiros?

Quando tomei conhecimento deles, logo, junto com a indignação e a dor que me causaram, senti o impulso de contá-los, de denunciá-los a todos. Mas, a seguir, hesitei. Me detinha uma falsa vergonha, uma repugnância quase insuperável. Até que, ao iniciar novamente a arquitetar novas histórias, a meditar sobre obras de fantasia, provei outra vergonha e outra repugnância, que contrastavam singularmente com as provadas inicialmente.

Senti que não era mais possível, sabendo daqueles fatos, negar à triste verdade seu direito de preferência em relação às minhas fábulas.

Assim, prevaleceu meu primeiro impulso.

Espero que no futuro, mesmo quando o trabalho da minha imaginação for mais intenso e fervoroso e que imagens vindas da minha fantasia parecerem-me mais atraentes e valiosas, eu tenha sempre a força de afastá-las, ao menos se, ao lado delas, surgir algo verdadeiro, ainda que triste, miserável ou até mesmo sórdido, que possa ser útil à humilde pluma de uma escritora de fábulas.

Florença, 15 de dezembro de 1877.

*
* *

1 EMMA. **Una fra tante**. www.liberliber.it. p. 4, 13-17, e, em parte, do trecho *Sofferenze numerizzate*, de MORANDINI, G. Op.cit. p. 122-127.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.